

IGREJA DAS CAXINAS – VILA DO CONDE

IV Domingo SALICUS

No passado domingo, dia 6 de março de 2022, realizou-se na igreja paroquial de Caxinas, em Vila do Conde, o IV Domingo SALICUS, iniciativa organizada pelo Departamento Arquidiocesano de Música Sacra de Braga, pelo Departamento de Música Sacra do Arciprestado de Vila do Conde / Póvoa de Varzim e pela Revista SALICUS. Foi uma tarde de reflexão e música.

O encontro iniciou com umas palavras introdutórias de acolhimento do Pe. Manuel Casado Neiva, Arcipreste de Vila do Conde / Póvoa de Varzim, a todos os presentes e de uma forma especial, ao Arcebispo Primaz D. José Cordeiro que também marcou presença no evento.

O Arcipreste congratulou-se pela iniciativa e, dirigindo-se aos presentes, partilhou: «a música ajuda a viver a liturgia. A música tem de ter espiritualidade. Ela faz parte integrante da liturgia». Ao concluir, o Arcipreste aproveitou o momento para apresentar a Escola de Ministérios Arciprestal que está já a funcionar no Arciprestado, referindo que irão também propor formação em música litúrgica.

De seguida, o Pe. Juve-



D. José Cordeiro destacou que «a celebração também é formação»

nal Dinis, Presidente do Departamento Arquidiocesano de Música Sacra, saudou todos os presentes, agradecendo o acolhimento no Arciprestado de Vila do Conde / Póvoa de Varzim da iniciativa do IV Domingo SALICUS e pediu ao sr. D. José Cordeiro, Arcebispo de Braga, que dirigisse uma pequena mensagem a todos os participantes.

D. José Cordeiro expressou a sua alegria por este encontro de formação, destacando que «a celebração também é formação» e que «formação deveria ser um refrão» a fazer parte do quotidiana

de cada um. Dirigindo-se aos coralistas presentes, citando palavras de Santo Agostinho, disse: «cantar é próprio de quem ama». E continuou: «o grupo coral não canta na missa, mas canta a missa. A música é parte integrante da celebração».

A propósito do novo Missal, o prelado comunicou que será apresentado nos próximos dias aos senhores bispos e que este também deve ser tido em conta na preparação da liturgia, já que é o primeiro livro de canto da missa.

Os trabalhos prosseguiram com o Pe. Daniel Ne-

ves, membro do Departamento Arquidiocesano de Música Sacra, a apresentar o primeiro palestrante da tarde, o Prof. João Duque, Presidente do Centro Regional da Universidade Católica em Braga que desenvolveu uma conferência sobre a «Fraternidade coral».

O Prof. João Duque começou a sua intervenção apontando duas razões para a escolha do tema: a Encíclica «Fratelli Tutti» que o Papa Francisco escreveu dedicada à Fraternidade e o atual momento difícil que estamos a viver. «É necessário trazer a fraternidade para o quo-

tidiano», salientou o conferencista. Saltando para a música afirmou: «A música une os seres humanos. A linguagem musical não tem fronteiras». O palestrante continuou: «a música contemporânea pode não parecer assim tão harmoniosa a quem a ouve, pelas suas características próprias, mais dissonante. Na vida do nosso quotidiano temos momentos alegres, mas também difíceis e dramáticos. Na vida de um coro acontece a mesma coisa. A vida é feita de momentos alegres, mas também de momentos mais escuros. Fraternidade, quer dizer,

somos irmãos, equivale a dizer, todos os humanos são irmãos. Qual a nossa origem comum? A nível do sangue - genética, ter o mesmo pai; a nível étnico - aqueles que pertencem à mesma etnia; a nível territorial - aqueles que habitam o mesmo território, ou a nível de grupos - aqueles que participam no mesmo grupo, uma associação, ...». Venceu João Duque: «A universalidade da fraternidade implica a superação da ideia de “bolha”. A fraternidade exige a superação de um medo - medo dos outros diferentes. Superado o medo, estamos preparados para acolher o irmão. Às vezes é mais fácil a fraternidade com os de fora do que com os de casa (da própria família), ainda se tem medo do lugar que o irmão pode ocupar. Os conflitos tanto são internos como externos. A fraternidade universal requer que cada um de nós assuma a sua responsabilidade por cada um dos outros independente de quem for».

Terminada a 1.ª parte da exposição, sobre a «fraternidade coral», fomos presenteados com um breve momento musical, pelas vozes do Grupo Coral da Junqueira - com a partilha de alguns cânticos: «Obrigado» de

